

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Informação e Cultura

BARBARA APARECIDA ALVES FERREIRA DE CARVALHO PINA

A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA EM BIBLIOTECAS ESCOLARES E A ABORDAGEM PEDAGÓGICA CONSTRUTIVISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Informação e Cultura da
Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia.

SÃO PAULO
2024

BARBARA APARECIDA ALVES FERREIRA DE CARVALHO PINA

**A Classificação Bibliográfica em Bibliotecas Escolares e a Abordagem
Pedagógica Construtivista**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Informação e Cultura da
Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vânia Mara Alves Lima

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Pina, Barbara Ap. Alves Ferreira de Carvalho
A Classificação Bibliográfica em Bibliotecas
Escolares e a Abordagem Pedagógica Construtivista /
Barbara Ap. Alves Ferreira de Carvalho Pina; orientadora,
Vânia Mara Alves Lima. - São Paulo, 2023.
50 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Informação e Cultura / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Biblioteca Escolar. 2. Classificação Bibliográfica.
3. Construtivismo. I. Mara Alves Lima, Vânia. II.
Título.

CDD 21.ed. - 020

FOLHA DE APROVAÇÃO

BARBARA APARECIDA ALVES FERREIRA DE CARVALHO PINA

A Classificação Bibliográfica em Bibliotecas Escolares e a Abordagem Pedagógica Construtivista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Presidente da Banca: Profa Dra Vânia Mara Alves Lima – CBD/ECA/USP

Profa Dra Ivete Pieruccini – CBD/ECA/USP

Prof Dr Marivalde Moacir Francelin - CBD/ECA/USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram ao longo de tantos anos de estudos. Em primeiro lugar, à minha mãe que durante grande parte da minha vida foi minha única família, rede de apoio, incentivadora e quem me apresentou ao mundo da leitura.

Agradeço ao meu marido, que esteve ao meu lado em toda minha trajetória acadêmica, me apoiando e me dando suporte com compreensão e parceria.

Agradeço aos professores que me orientaram nessa jornada, desde a sala de aula até as orientações de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho pretende identificar as principais propostas de classificação bibliográfica para bibliotecas escolares e refletir criticamente se suas principais características atendem aos objetivos da pedagogia de abordagem construtivista adotada por algumas escolas brasileiras. A construção do trabalho foi feita a partir do levantamento bibliográfico sobre classificação de acervos escolares e/ou infantis nas bases de dados DEDALUS, IBICT e BRAPCI para identificar os modelos de classificação propostos. A viabilidade de uso desses modelos de classificação foi analisada de acordo com os objetivos pretendidos pelo construtivismo no desenvolvimento educacional da criança e foi realizada a análise das principais características dos modelos de classificação encontrados em relação aos estágios do desenvolvimento cognitivo proposto por Jean Piaget. Este trabalho não pretende estabelecer qual modelo de classificação é mais ou menos adequado, mas como resultado, apresenta que algumas características desses modelos de classificação respondem melhor às capacidades cognitivas de cada etapa do desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Biblioteca escolar, Classificação bibliográfica, Construtivismo

ABSTRACT

This work aims to identify the main proposals for bibliographic classification in school libraries and critically reflect on whether their key characteristics align with the objectives of the constructivist pedagogy adopted by some Brazilian schools. The construction of the study was based on a bibliographic review of the classification of school and/or children's collections in the DEDALUS, IBICT, and BRAPCI databases to identify proposed classification models. The feasibility of using these classification models was analyzed in accordance with the goals of constructivism in the child's educational development, and the analysis of the main characteristics of the classification models found was conducted in relation to the stages of cognitive development proposed by Jean Piaget. This work does not seek to establish which classification model is more or less suitable, but as a result, it demonstrates that certain characteristics of these classification models better align with the cognitive abilities of each stage of cognitive development.

Keywords: School library, Bibliographic classification, Constructivism

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALA - American Library Association
BE - Biblioteca Escolar
BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CDD - Classificação Decimal de Dewey
CDU - Classificação Decimal Universal
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia
LDB - Lei de Diretrizes e Bases
LIBES - Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar
NBR - Norma Brasileira
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
SMB - Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Classificação por cores de obras de literatura e livros didáticos e paradidáticos no município de Rondonópolis.....	23
Figura 2 – Exemplo de etiqueta de lombada utilizada como “rótulo de classificação”.....	27
Figura 3 – Exemplo de ficha catalográfica apresentada no sistema de busca do SMB para obra infantil.....	29
Figura 4 – Exemplo de ficha catalográfica apresentada no sistema de busca do SMB para obra juvenil	29

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. A Biblioteca Escolar.....	16
3. A Classificação.....	19
4. A classificação na Biblioteca Escolar: uma revisão bibliográfica.....	22
5. A pedagogia Construtivista.....	32
6. A classificação em BE's e os objetivos da abordagem pedagógica construtivista.....	35
7. Considerações Finais.....	43
8. Referências.....	46
9. Apêndices.....	49

1. Introdução

A Biblioteca escolar possui papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, na formação do leitor e construção de um sujeito crítico que possui habilidades informacionais e autonomia de pesquisa.

Enquanto auxiliar deste processo pedagógico, a biblioteca escolar deve dispor de ferramentas que contribuirão na formação do aluno, sendo ele usuário de biblioteca, leitor e sujeito crítico. Para tanto, o bibliotecário escolar deve trabalhar junto ao corpo docente a fim de adequar as atividades da biblioteca ao cotidiano escolar, ao projeto político pedagógico e aos objetivos de ensino.

O acervo da biblioteca, majoritariamente composto por obras infanto-juvenis, deve ser organizado de forma a guiar o usuário e auxiliar seu processo de busca. Sua organização deve considerar as capacidades cognitivas, interesses e necessidades de pesquisa dos alunos.

A classificação de obras é fundamental para garantir a recuperação da informação pelo usuário, pois compõe o número de chamada, influencia a organização das obras nas estantes e aproxima obras de assuntos semelhantes. Sendo assim, a classificação deve ser feita com máxima atenção pelo catalogador e deve considerar quais as necessidades de pesquisa de seu público alvo, tais como alternativas de representação para usuários não alfabeticos.

Por estar inserida em uma escola, este tipo de biblioteca deve considerar o modelo pedagógico e os objetivos educacionais da instituição. Este trabalho tem o objetivo de identificar propostas de classificação bibliográfica para bibliotecas escolares e/ou infantis e relacionar suas principais características aos objetivos da pedagogia de abordagem construtivista.

Em vista disso, surgiu o seguinte problema de pesquisa: as propostas de classificação para Bibliotecas Escolares encontradas na literatura auxiliam na formação do usuário de bibliotecas de forma compatível com a pedagogia construtivista, possuindo pontos de convergência com esse modelo pedagógico?

Para a construção deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas seguintes bases de dados: BRAPCI, DEDALUS e IBICT. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa exploratória, em que procura-se levantar o que foi publicado

sobre classificação em bibliotecas escolares em três bases de dados, entender o papel das alternativas propostas de classificação bibliográfica em acervos escolares no desenvolvimento da autonomia e da compreensão da organização do acervo no usuário de biblioteca e relacionar com objetivos de desenvolvimento do sujeito propostos no modelo de abordagem construtivista utilizado em algumas escolas brasileiras.

A partir da revisão bibliográfica buscou-se entender quais são os códigos de classificação mais utilizados nas bibliotecas escolares brasileiras e quais foram as adaptações feitas para tornar a recuperação da informação mais acessível ao público alvo.

Com a revisão bibliográfica e apresentação dos dados supracitados, busca-se, então, entender se as ferramentas de classificação utilizadas nas bibliotecas escolares auxiliam no processo de desenvolvimento do usuário de biblioteca e se esses modelos de classificação contribuem para a formação da autonomia e outras características de formação do sujeito em consonância com os objetivos da abordagem pedagógica construtivista, que tem sua base nos estudos de Jean Piaget e Lev Vygotsky.

2. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral identificar modelos propostos para classificação de materiais bibliográficos em bibliotecas escolares e verificar se atendem aos objetivos da pedagogia de abordagem construtivista, sobretudo no que se refere à formação da autonomia através de experiências significativas de aprendizagem e ao desenvolvimento do aluno usuário de bibliotecas.

Para atingir ao objetivo geral proposto elencamos os seguintes objetivos específicos:

- definir o que se entende por biblioteca escolar;
- apresentar a classificação bibliográfica e suas principais características;
- fazer a revisão bibliográfica sobre propostas de modelos de classificação para bibliotecas escolares;
- definir o que é a abordagem pedagógica construtivista e seus principais objetivos;

- relacionar as características já expostas da abordagem construtivista com os modelos propostos de classificação em BE's na revisão bibliográfica.

2. A Biblioteca Escolar

A Biblioteca Escolar (BE) é um tipo específico de biblioteca encontrada nas escolas e colégios de ciclo básico de educação. No Brasil, a BE possui legislação própria: a Lei 12.244/2010 em seu artigo 2º define Biblioteca Escolar como “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.” Esta lei, que se limita à definição de acervo, ainda dispõe da quantidade mínima do acervo - pelo menos um título por aluno matriculado na escola - e concede o prazo de dez anos para a universalização das bibliotecas escolares.

A nível internacional, tem-se o Manifesto IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares e as Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar. Dessa forma, a International Federation of Library Association - IFLA , define a biblioteca escolar como um:

espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. (IFLA, 2016, p.19)

A definição da IFLA vai além da concepção de acervo acumulador de livros, inserindo a BE no espaço de aprendizagem da escola como parte do percurso formativo. O mesmo documento lista dezesseis recomendações desenvolvidas para uso dos profissionais da biblioteca escolar, para assegurar que a comunidade escolar tenha acesso a serviços de biblioteca eficazes e desenvolvidos por profissionais qualificados. A recomendação 3 traz as características necessárias para o sucesso de uma Biblioteca Escolar:

...um bibliotecário escolar qualificado; uma coleção que apoia o currículo da escola; e um plano explícito para o crescimento e desenvolvimento da biblioteca escolar.

Além da Recomendação 3, destaca-se as recomendações 8 e 11, que colocam o bibliotecário escolar inserido no processo de ensino e aprendizagem da escola também como profissional que apoia estes processos:

Recomendação 8. As funções de um bibliotecário escolar profissional devem ser claramente definidas incluindo o ensino (ou seja, literacia e promoção da leitura, centrada na investigação e baseada em recursos), gestão de biblioteca, liderança e colaboração com toda a escola,

envolvimento da comunidade e promoção de serviços de biblioteca. [3.5, 3.5.4]

E a biblioteca como apoio às atividades pedagógicas:

Recomendação 11. As instalações, equipamentos, coleções e serviços da biblioteca escolar devem apoiar o ensino e as necessidades de aprendizagem dos alunos e professores; estas instalações, equipamentos, coleções e serviços devem evoluir à medida que as necessidades de ensino e aprendizagem se forem alterando. [4.1-4.3]

A décima recomendação traz a necessidade de haver um desenvolvimento de coleções que colabore com o currículo escolar:

Recomendação 10. Toda a equipa da biblioteca escolar deve contribuir para desenvolver coleções de recursos físicos e digitais consistentes com o currículo da escola e com as identidades nacionais, étnicas e culturais dos membros da comunidade escolar; também deve esforçar-se por aumentar o acesso aos recursos através de práticas como a catalogação, curadoria e partilha de recursos. [4.2.3, 4.3, 4.3.1-4.3.4]

Para finalizar, a décima quarta recomendação fala sobre o trabalho colaborativo do bibliotecário escolar com o corpo pedagógico da escola a fim de alcançar os objetivos escolares:

Recomendação 14. Os serviços e programas fornecidos através da biblioteca escolar devem ser desenvolvidos de forma colaborativa por um bibliotecário escolar profissional, trabalhando em conjunto com o diretor, os responsáveis por departamentos curriculares, colegas de ensino, responsáveis de outras bibliotecas e membros da comunidade com características culturais, linguísticas ou étnicas específicas, de forma a contribuir para a consecução dos objetivos académicos, culturais e sociais da escola. [3.5, 3.5.4, 5.1-5.8]

Dessa forma, a Biblioteca Escolar (BE) deve ser identificada como uma ferramenta da instituição de ensino dedicada à coleta, organização e disponibilização de recursos de informação, como livros, periódicos, materiais audiovisuais e digitais, mas não apenas isso, ela está intrinsecamente ligada ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pela instituição de ensino e, portanto, deve estar alinhado ao seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Seus objetivos são: apoiar o ensino, a aprendizagem e a pesquisa, proporcionando um ambiente onde os alunos, professores e outros membros da comunidade escolar possam acessar informações relevantes para sua formação.

Para além de atuar como mediador entre o acervo e a comunidade e buscar promover o hábito da leitura, Campello (2009) ainda traz a necessidade de a

biblioteca escolar, bem como do bibliotecário escolar, proporcionar o letramento informacional aos alunos:

“...as práticas de educação de usuários nas bibliotecas integram hoje a noção de letramento informacional (ALA, 1989, online), partindo-se do pressuposto de que o bibliotecário detém conhecimentos que ajudarão os usuários no desenvolvimento dessas habilidades, ampliando-se a função educativa desses profissionais.” (CAMPELLO, 2009, p.16)

A necessidade de letramento informacional é vista pela autora como uma necessidade contemporânea frente à sociedade de informação e aos avanços das tecnologias de informação. Assim, a biblioteca escolar não deve ser considerada apenas como um depósito de livros ou lugar de castigo, como ocorre em muitas escolas, ou ainda, apenas como acervo de livros dispostos de forma que seja incompreensível pelos seus usuários, mas de ser entendida como local de apoio ao processo de aprendizagem e, também, local de aprendizagem informacional.

Figura 1: Roda de leitura em biblioteca escolar.



Fonte: Acervo da autora.

Para finalizar esse item é importante trazer as palavras de Lourenço Filho (1946, apud Campello, 2015, p. 3) sobre a relação entre a escola e a biblioteca escolar:

Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado instrumento vago e incerto.

A autora mostra que a biblioteca escolar desvinculada da proposta de ensino da escola torna-se um elemento vazio, um mero depósito de livros, como acontece em tantas instituições de ensino. A proposta pedagógica da escola deve considerar a biblioteca como ferramenta de apoio e de ensino e as atividades, acervo e organização da biblioteca devem convergir com a metodologia de ensino da instituição.

3. A Classificação

A classificação é uma das atividades principais realizadas em qualquer tipo de biblioteca, isso porque ela permite a recuperação da informação e a organização lógica dos livros, e outros materiais, nos espaços da biblioteca, além de compor o número de chamada, elemento essencial para que um livro seja encontrado nas estantes.

Barbosa afirma que a classificação é “um processo mental pelo qual coisas, seres ou pensamento, são reunidos segundo as semelhanças ou diferenças que apresentam.” (BARBOSA, 1969, p.13), justificando ser um processo mental por ser um ato realizado instintivamente, na rotina de qualquer pessoa. Essa ideia também é apresentada por Langridge, no prólogo de seu livro *Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia*. O autor narra a rotina de um casal e mostra como a organização da casa, dos horários e de seus hábitos são influenciados por uma classificação prévia realizada de forma quase automática e que define suas escolhas ao longo do dia.

A classificação é, portanto, um processo natural do ser humano, uma ferramenta de organização que categoriza itens, idéias e conceitos com base em critérios pré definidos de semelhanças e diferenças. Além de estar presente na vida cotidiana, a classificação também está presente em diversas áreas do conhecimento, possuindo suas particularidades de acordo com seus objetivos práticos. Neste item são apresentadas algumas das principais características da classificação relacionada à biblioteconomia tendo como referência as obras de Barbosa (1969) e Langridge (1977).

Historicamente foram desenvolvidos métodos de classificação bibliográfica com base na divisão filosófica dos conhecimentos humanos, mas a expansão do acesso às bibliotecas e o crescimento da publicação de materiais dos últimos séculos criou a necessidade de um método de classificação temático que reunisse livros por assunto e, dessa forma, garantisse uma organização física e catalográfica que auxiliasse buscas cada vez mais precisas.

O sistema de classificação filosófico de Francis Bacon, de 1605, serviu de base para o desenvolvimento de sistemas modernos de classificação bibliográficos, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), no final do século XIX, que também

serviu de base para a Classificação Decimal Universal (CDU), no início do século XX.

Se antes o papel das bibliotecas era garantir a preservação de livros para a posteridade, hoje ela tem o papel de garantir o acesso à informação contida nos itens que abriga. Para tanto, livros e outros materiais contidos na coleção, devem ser organizados de forma a garantir sua localização no acervo, sua retirada para a consulta de forma ágil, sua devolução à coleção sem dificuldade, a inserção de novos livros à coleção e de novos assuntos sem que se quebre a sequência lógica de organização. (Barbosa ,1969, p.15)

Para Langridge o propósito da classificação em bibliotecas é a organização do conhecimento dos livros e outros recursos disponíveis e ainda afirma que: “a biblioteconomia consiste na seleção, organização e disseminação do conhecimento apresentado em várias formas físicas. A técnica mais importante usada nessa organização é a classificação.” (p.19)

Na classificação bibliográfica existem algumas regras que devem ser observadas, entre elas a de que o documento deve ser classificado em primeiro lugar pelo seu assunto, depois pela forma de apresentação e local. Foge a essa regra os livros classificados como literatura, pois a forma literária será preferência, seguida por local de produção.

No caso da CDD a classe 800 é utilizada para obras de literatura, as classes 810, 850 e 860 são referentes a literatura americana em inglês, literatura italiana e literatura espanhola e portuguesa e as classes 811, 812 e 813 são, respectivamente, utilizadas para poesia norte-americana em inglês, drama norte-americano em inglês e ficção norte-americana em inglês. Dessa forma, pode-se constatar que para a classificação de literatura o local e a forma não definir sua classe, mais do que o assunto tratado.

Poesia, drama, ficção, conto, crônica, ensaio são formas de classificação que dizem respeito ao formato em que a obra foi construída, no entanto, é muito comum que o usuário, de forma geral, esteja interessado em buscar livros por assuntos, como livros de mistério, livros de aventura, histórias românticas, contos de terror. Algumas bibliotecas organizam parte do acervo de literatura considerando as preferências de busca de seus usuários, dividindo nas prateleiras ou utilizando etiquetas para identificar o assunto das obras.

Para classificar literatura infantojuvenil é comum encontrar a classificação 028.5, no caso de bibliotecas que utilizam a CDD, estando esse assunto dentro da classe geral “obras gerais”. A classe 028.5 refere-se a “leitura para grupos específicos de pessoas”. Dentro da classificação 028.5 encontra-se obras que tratam da leitura direcionada a grupos específicos, como crianças, adolescentes, adultos, idosos, entre outros, incluindo estratégias de leituras adaptadas para diferentes faixas-etárias, discussões sobre literatura infantil, promoção da leitura em determinados grupos demográficos, entre outros temas relacionados ao assunto. Em resumo, a classe 028.5 da CDD indica que os materiais classificados sob esse número estão relacionados à leitura direcionada para grupos específicos de pessoas e não leva em consideração o formato ou o assunto tratado na obra.

Também é possível observar a utilização da classe 806.068 para classificar literatura infantojuvenil, essa pode se desdobrar em 806.0681, identificando Poesia para Crianças e 806.0687, identificando Humorismo para Crianças¹. Durante o período em que foi realizada esta pesquisa, não foram identificadas bibliotecas que utilizassem a classe 806.068, tampouco 806.0681 e 806.0687.

Marshall (2009, p. 13) chama a atenção para o fato de que não há notação específica para as obras de literatura infantojuvenil nos sistemas de classificação de Brown, de Cutter, da Library of Congress, de Bliss, nem na Colon Classification e que, mesmo a literatura de ficção é tratada de forma muito genérica pela CDD e CDU.

Sendo assim, algumas bibliotecas e bibliotecários desenvolveram alternativas aos sistemas de classificação tradicionais para classificar o acervo de literatura infanto-juvenil. Tais alternativas buscam dialogar com as capacidades cognitivas do público alvo dessas instituições, buscando criar possibilidades de comunicação inclusive para crianças que ainda não foram alfabetizadas.

É importante considerar as especificidades do público alvo em questão, pois, por se tratar de crianças em idade escolar, os níveis de desenvolvimento cognitivo são muito diversos, resultando em necessidades informacionais diferentes.

No item a seguir, é feito o levantamento de alternativas de classificação para obras infantis e juvenis, muitas delas aplicadas em bibliotecas reais.

¹ Barbosa usa como exemplo as classes 806.0681 e 806.068, respectivamente para poesia e humorismo para crianças, utilizando a 17ª edição da CDD. BARBOSA, 1969, p.356. As duas subclasses também são mencionadas por Rovena Gobbato Marshall em monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso intitulado Linguagens Documentárias para Indexação de Literatura Infantil e Juvenil. Porto Alegre, 2009.

4. A classificação na Biblioteca Escolar: uma revisão bibliográfica

Ao realizar a leitura de textos escolhidos para compor a revisão bibliográfica foram encontradas referências à classificação por cores, classificação temática e classificação indicativa, como alternativas aos códigos de classificação tradicionais. No tocante a estes últimos descobriu-se que a Classificação Decimal de Dewey é o código de classificação mais adotado nas escolas brasileiras, sejam elas públicas ou particulares. (PINHEIRO, 2009; ARAÚJO e SOUZA, 2012)

No entanto, há convergência para a preocupação de este código ser demasiadamente complexo para o público infantil. Pinheiro e Sachetti afirmam que “as atuais classificações parecem ser de difícil compreensão para o público infantil. Um possível motivo é a formalidade de um sistema feito para adultos, como acontece com os sistemas CDD e CDU.”² Como alternativa e de forma complementar, a classificação por cores foi a alternativa mais citada nos trabalhos selecionados.

PINHEIRO (2009) considera que a classificação por cores é a melhor metodologia para BE’s. Em seu artigo de 2009 apresenta os resultados do convênio entre o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Mato Grosso - Campus de Rondonópolis - e da Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis, responsável pela implantação da classificação por cores nas bibliotecas escolares do município, através da coordenação da professora Maria Inês da Silva Pinheiro e de um corpo de estagiários selecionados a partir do programa de bolsas do projeto.

A autora afirma que “as fontes bibliográficas pertencentes a uma biblioteca escolar devem ser organizadas conforme os interesses do perfil dos usuários, especialmente dos pequenos” e, mais adiante:

que o ambiente da biblioteca, de uma unidade escolar, precisa estar de acordo com a faixa etária do aluno que o frequenta, de forma que as crianças possam sentir-se atraídas pelo local e sintam prazer em visitá-lo. (PINHEIRO, 2009, p.166).

Considerando a perspectiva do usuário infantil, a autora defende que as cores são as primeiras linguagens que a criança aprende (PINHEIRO, 2009, p.167) e por isso, a classificação por cores seria responsável por chamar a atenção das crianças e facilitar a busca pelo material de seu interesse.

² ARAÚJO E SOUZA, 2012, P119

Dessa forma, nas bibliotecas escolares de Rondonópolis, as obras de literatura foram divididas em oito cores e os livros didáticos e paradidáticos foram divididos em onze cores, conforme a imagem a seguir:

Figura 2: Classificação por cores de obras de literatura e livros didáticos e paradidáticos no município de Rondonópolis.



Fonte: PINHEIRO, 2009.

Nota-se que a classificação por cores não é aplicada apenas a uma seção das bibliotecas e não é tão rígida quanto a CDD no que diz respeito às classes. Sendo assim, o projeto optou por dividir o que seria considerado literatura infantojuvenil em duas classes de cores distintas, literatura infantil em amarelo e literatura infantojuvenil em roxo. O que não ficou claro foram os critérios para tal classificação, podendo-se deduzir que a escolha entre uma classe e outra possa ser feita com base na complexidade do material em relação à faixa etária a qual se destina.

Também não fica claro se obras de teatro, poesia, crônicas e contos classificados em vermelho, rosa claro e rosa escuro, respectivamente, são apenas aquelas escritas ao público adulto ou se aí também estariam as obras que se encaixam nesses formatos escritos ao público infantojuvenil.

É importante fazer tal comentário, pois são muitas as obras classificadas como infantojuvenis que são adaptações de obras mais complexas visando atender às necessidades desse público, assim como são muitas as obras que nascem nesses formatos com linguagem e objetivos de atender ao público infantil e que geralmente são classificados como “literatura infantojuvenil” sem distinção.

De forma complementar, ARAUJO E SOUZA (2012) apresentam fundamentação psicológica para a escolha e associação de cores às classes citando a pesquisa de Farina³, que caracteriza as cores de acordo sentimentos ou sensações que possam provocar nas pessoas, sugerindo relações entre as cores escolhidas com os assuntos representados por elas. Os autores ainda concluem que:

por ter um caráter generalista, ela [a classificação por cores] por si só não representaria com exatidão os conteúdos encontrados num determinado livro, ou seja, além desta ainda seria necessário a indicação decimal, especificando assim, tais assuntos. (ARAUJO E SOUZA, 2012, P.133)

defendo a adoção do sistema decimal e da classificação por cores de forma conjunta para a classificação das obras.

Araújo e Mendes (2017) apresentam outra alternativa de classificação de obra em bibliotecas escolares ou bibliotecas públicas que atendam à comunidade escolar, como é o caso da Biblioteca Rubem Braga, escolhida pelas autoras para a pesquisa.

Baseada no Vocabulário Controlado para Indexação de Obras Ficcionais elaborado por BARBOSA, MEY E SILVEIRA⁴, a Biblioteca Rubem Braga dividiu seu acervo em 37 seções infantis e 13 seções juvenis da seguinte forma:

Literatura infantil: Biografias, Canções Infantis, Contos de Fadas, Fábulas, Ficção Científica, Ficção Histórico-geográfica, Folclore, Histórias Cumulativas, Histórias Afro-Brasileiras, Histórias Ambientalistas, Histórias de Adivinhas, Histórias de Amor, Histórias de Animais, Histórias de Aventuras, Histórias de Bruxas, Histórias de Crianças, Histórias de Fantasia, Histórias de Medo, Histórias de Objetos, Histórias de Relacionamentos, Histórias didáticas, Histórias Educativas, Histórias em outros idiomas, Histórias Engraçadas, Histórias Indígenas, Histórias Morais, Histórias Policiais, Histórias Religiosas, Histórias Silenciosas, Histórias Sociais, Histórias

³ FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores na Comunicação*. 2^a edição. São Paulo: ed. Edgard Blucher, 1986.

⁴ BARBOSA, sidney. MEY, Eliane Serrão Alves. SILVEIRA, Naira. BRITO, Rafael dos Santos. RIZZI, Iuri Rocio Franco. *Vocabulário Controlado para Indexação de Obras ficcionais*. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

Tradicionais, Histórias Variadas, Jogos e Brincadeiras, Mitologias, Monteiro Lobato, Poesia Infantil e Ziraldo.

Literatura juvenil: Aventura, Contos, Crescer, Crônicas, Distopia, Diversão, Fantasia, Ficção Científica, HQ, Mistério, Romance, Terror e Variados.

Embora o Vocabulário Controlado para Indexação de Obras Ficcionais não se destine apenas às obras infantojuvenis, a Biblioteca Rubem Braga o adotou apenas para obras com essa classificação. Também é importante lembrar que o vocabulário controlado foi adaptado às necessidades identificadas pelos bibliotecários, como por exemplo, a criação das secções Histórias de Bruxas, Monteiro Lobato e Ziraldo e a junção das seções Suspense e Policial na Seção Mistério.

As autoras indicam que:

...a classificação por seções faz mais sentido para os jovens leitores (crianças e adolescentes) do que classificação da literatura no tempo (século) e espaço (país), como geralmente promove a Classificação Decimal de Dewey (CDD)... (ARAÚJO, MENDES, 2017, P.766)

Também afirmam que a classificação por seções mantém a lógica de organização por assuntos semelhantes, funcionando como uma preparação para o sistema de organização das bibliotecas (ARAÚJO, MENDES, 2017, P.766).

A vantagem em utilizar o sistema de classificação por seções é a flexibilidade na criação de seções que atendam ao público específico da instituição, sendo possível fazer um levantamento de assuntos e formatos estudados nos ciclos de ensino para classificar as obras infantojuvenis de forma a atender às necessidades do corpo docente e discente promovendo sua autonomia.

No entanto, deve-se ter cuidado com a extrema segmentação do acervo, tornando a classificação das obras mais complexa do que deveria ser e adequando-a ao número de obras que compõem o acervo, evitando-se criar classes com pouquíssimas obras.

Cordeiro e Furtado (2017) procuram entender se os usuários da biblioteca escolar compreendem o elo desenvolvido a partir do sistema de classificação por cores entre os materiais disponíveis e as cores que os representam. As autoras realizaram um estudo de caso em que questionam alunos entre o terceiro e sexto anos do ensino fundamental sobre a organização do acervo ser comprehensível e dotada de sentido.

Durante as entrevistas no trabalho de Cordeiro e Furtado, as crianças foram questionadas sobre a frequência à biblioteca, o sistema de classificação, a associação das cores ao conteúdo do acervo e a facilidade/dificuldade para a recuperação do documento. Os resultados mostraram que a frequência das crianças é regular e que houve uma contradição; a maioria das crianças respondeu que acha o sistema de classificação por cores “bom” ou “ótimo”, mas, quando questionadas sobre a sua organização, não sabiam como a biblioteca era organizada. (CORDEIRO e FURTADO, 2017)

O trabalho não explica como é feita a classificação por cores na biblioteca escolhida, o que entende-se a partir dele é que obras classificadas como infanto-juvenis são identificadas com etiquetas amarelas, o que leva a deduzir que não há uma divisão e representação de gêneros dentro desta classe. Também é informado que as crianças, em sua maioria, são conduzidas às estantes com etiquetas amarelas e identificam os materiais presentes nelas como de seu interesse.

Como contraponto à Classificação por Cores, AGUIAR (2012) apresenta o ponto de vista de Viana⁵, que defende que a essa classificação pode parecer muito prática, no entanto, sua simplicidade acaba impedindo que “os alunos conheçam formas consolidadas de organização de bibliotecas com as quais poderão se deparar mais tarde, em sua vida escolar” (AGUIAR, 2012, p. 35), e que o melhor seria a adoção de códigos de classificação universais, como a CDD e CDU, para que a criança, assim que entre na fase da leitura, entenda como funciona a organização da biblioteca e tenha uma assimilação natural dos procedimentos necessários para a exploração do material e adquira segurança e estímulo para realizar pesquisas em outras bibliotecas (AGUIAR, 2012, p. 35).

Mais uma alternativa à adaptação através da Classificação por Cores, é apresentada por Ramos et.al (2011), que propõem um “rótulo de classificação” em que imagens são utilizadas para representação de assunto. E, diferente dos trabalhos citados até agora, este propõe utilizar essa alternativa em conjunto com o Código de Classificação Universal (CDU), desenvolvido por Paul Otlet e Henri La Fontaine no final do século XIX.

⁵ VIANA, Márcia Milton. *A organização da coleção*. In: CAMPELLO, Bernardete (Org). *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.43-46.

A proposta, em que são utilizadas imagens para auxiliar o processo de classificação de livros infantojuvenis, foi aplicada à Biblioteca Rui Barbosa da Escola Municipal Helena Small, no município de Rio Grande - RS, com alunos do 5º ao 8º ano. A utilização das imagens seria aplicada em conjunto com a CDU, utilizando-se as classes 82-93 Literatura Infanto-juvenil e 82-93 Literatura Infantil. O trabalho também se baseou no Vocabulário Controlado para indexação de obras ficcionais (BARBOSA; MEY; SILVEIRA, 2005).

Figura 3: Exemplo de etiqueta de lombada utilizada como “rótulo de classificação”



Fonte: Ramos et.al (2011)

O trabalho afirma que imagem:

visa representar um aspecto determinado, passível ou não de interpretação humana, podendo esta ser dinâmica (filmes e outras manifestações) ou estática (pintura em tela, por exemplo). (Ramos et. al. 2011, p.62)

E ainda, citando Miranda, Pompéia e Bueno⁶ diz que:

a nomeação da imagem ocorre em três etapas: 1) identificação da imagem, guardando seus aspectos estruturais, para futura recuperação; 2) assimilação semântica, para reconhecimento da imagem; e, finalmente, 3) lexicalização, onde o objeto recuperado é pronunciado. (Ramos et. al. 2011, p.64)

⁶ MIRANDA, M. C. ; POMPÉIA, S. ; BUENO, O. F. A. *Um estudo comparativo das normas de um conjunto de 400 figuras entre crianças brasileiras e americanas*. Rev. Bras. Psiquiatr., v. 4, n. 26, p.226-233. 2004.

Assim, a assimilação da imagem é um processo biológico, mas que é passível de interpretação humana. De fato, a interpretação que uma imagem pode ser subjetiva e, a depender do grupo, ou mesmo, do indivíduo que a interpreta, pode gerar conclusões diversas.

Durante a aplicação do “rótulo de classificação” foi realizada uma pesquisa com alunos entre os 5º e 8º anos da escola. Foram selecionadas previamente três imagens para cada assunto, posteriormente, as crianças deveriam relacionar as imagens aos assuntos. No entanto, a pré-seleção não foi comunicada às crianças e elas deveriam fazer livremente essa relação.

Surpreendentemente, algumas crianças escolheram imagens para representar determinado assunto, mas que na pré-seleção representavam outro assunto.

Esta proposta de classificação com auxílio de imagens pode ser muito útil para a fácil compreensão de assuntos pelas crianças, sobretudo aquelas que ainda não foram alfabetizadas, no entanto deve-se tomar muito cuidado na escolha das imagens para não se ter o efeito contrário ao que se deseja, confundindo o público.

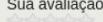
Santos (2022) em seu trabalho e conclusão de curso pesquisou como a literatura juvenil é classificada em bibliotecas da rede municipal de São Paulo (Sistema Municipal de Bibliotecas - SMB) e em bibliotecas de escolas particulares do estado de São Paulo, coletando dados no total de cinco bibliotecas. Os resultados dessa pesquisa mostram como essas bibliotecas classificam obras infantis e juvenis, muitas vezes fazendo adaptações de códigos de classificação como a CDD.

As bibliotecas pertencentes ao SMB tem suas obras classificadas de forma centralizada, a central utiliza a CDD para classificar suas obras no geral, mas adota a classificação “I” para obras infantis e “F” para obras juvenis, conforme é possível observar nas imagens a seguir:

Figura 4: Exemplo de ficha catalográfica apresentada no sistema de busca do SMB para obra infantil.

Tipo	Livro
Título:	O bichinho da maçã
Responsabilidade:	Ziraldo : [capa e ilustrações do autor]
Autoria Principal:	Ziraldo, 1932-, autor
Ano:	2008
Imprenta:	São Paulo (SP) : Melhoramentos, 2008
Descrição:	30 p. : il. color. ; 21 cm
Idioma	Português
Suporte:	Papel
ISBN	9788506000168
CDU:	*
CDD:	I
Assunto	1. <u>Literatura infantojuvenil</u>
Série/Coleção	Mundo colorido
Documentos:	
Notas:	Nota de premiação: Prêmio Jabuti - 1982 Melhor Livro de arte.

0 0
 Avaliação 0

 Sua avaliação




Fonte: SMB

Figura 5: Destaque para o código de classificação utilizado para a obra “O Bichinho da Maçã” da figura 4.

CDU:	*
CDD:	I
Assunto	1. <u>Literatura infantojuvenil</u> 2. <u>Histórias de infância</u>

Fonte: SMB

Figura 6: Exemplo de ficha catalográfica apresentada no sistema de busca do SMB para obra juvenil.

DETALHE DA OBRA (SMC)																													
Ficha:	Visualizar MARC: Visualizar Referência/ABNT Dublin Core Registros relacionados																												
<div style="text-align: right;"> 0 0 Avaliação 0  Sua avaliação  </div>																													
<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Tipo</td> <td>Livro</td> </tr> <tr> <td>Título:</td> <td>O mistério do cinco estrelas</td> </tr> <tr> <td>Responsabilidade:</td> <td>Marcos Rey ; ilustrações Jayme Leão</td> </tr> <tr> <td>Autoria Principal:</td> <td>Rey, Marcos, 1925-1999, autor</td> </tr> <tr> <td>Ano:</td> <td>1997</td> </tr> <tr> <td>Imprenta:</td> <td>São Paulo (SP) : Ática, 1997</td> </tr> <tr> <td>Descrição:</td> <td>128 p. : il. ; 21 cm</td> </tr> <tr> <td>Idioma</td> <td>Português</td> </tr> <tr> <td>ISBN</td> <td>8508018967</td> </tr> <tr> <td>CDU:</td> <td>*</td> </tr> <tr> <td>CDD:</td> <td>F</td> </tr> <tr> <td>Assunto</td> <td>1. <u>Literatura infantojuvenil</u></td> </tr> <tr> <td>Série/Coleção</td> <td>Vaga-lume (Ática)</td> </tr> <tr> <td>Documentos:</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <div style="text-align: center;">  </div>		Tipo	Livro	Título:	O mistério do cinco estrelas	Responsabilidade:	Marcos Rey ; ilustrações Jayme Leão	Autoria Principal:	Rey, Marcos, 1925-1999, autor	Ano:	1997	Imprenta:	São Paulo (SP) : Ática, 1997	Descrição:	128 p. : il. ; 21 cm	Idioma	Português	ISBN	8508018967	CDU:	*	CDD:	F	Assunto	1. <u>Literatura infantojuvenil</u>	Série/Coleção	Vaga-lume (Ática)	Documentos:	
Tipo	Livro																												
Título:	O mistério do cinco estrelas																												
Responsabilidade:	Marcos Rey ; ilustrações Jayme Leão																												
Autoria Principal:	Rey, Marcos, 1925-1999, autor																												
Ano:	1997																												
Imprenta:	São Paulo (SP) : Ática, 1997																												
Descrição:	128 p. : il. ; 21 cm																												
Idioma	Português																												
ISBN	8508018967																												
CDU:	*																												
CDD:	F																												
Assunto	1. <u>Literatura infantojuvenil</u>																												
Série/Coleção	Vaga-lume (Ática)																												
Documentos:																													

Fonte: SMB.

Figura 7: Destaque para o código de classificação utilizado para a obra “O Mistério do Cinco Estrelas” da figura 6.

CDU:	*
CDD:	F
Assunto	1. <u>Literatura infantojuvenil</u> 2. <u>Histórias de aventuras</u>

Fonte: SMB

A Biblioteca Abaporu, pertencente à escola particular Rainha da Paz, que também teve dados coletados para o trabalho de Santos, utiliza a CDD de forma adaptada para a classificação de suas obras e utiliza a classificação por cores para delimitar obras infantojuvenis às faixas etárias de seu público. Outra instituição que também utiliza a classificação por cores para delimitar a faixa etária de suas obras é a biblioteca do Colégio Humboldt, citada no trabalho de Santos.

O mesmo trabalho cita a Biblioteca Municipal Terezinha França de Mendonça Duarte, município de Hortolândia. Na referida instituição, as obras de literatura juvenil são classificadas com a notação “LJ” conjuntamente com a classificação por assunto do livro.

O trabalho de Santos mostra a utilização de cores para indicar a faixa etária a qual se destina a obra, ao que parece, seguindo critérios estabelecidos pelas próprias bibliotecas, diferente do que se viu nos trabalhos de Pinheiro (2009) e de Araújo e Souza (2012), nos quais as cores foram utilizadas para classificar assuntos e/ou formatos das obras de literatura infantojuvenil.

A classificação etária, bem como mostrou Santos (2022), não é uma classificação bibliográfica, sua origem está relacionada a uma iniciativa do poder público em prol de informar responsáveis de crianças e adolescentes sobre as faixas etárias adequadas para obras audiovisuais. Ela está em pleno uso e pode ser encontrada em filmes, programas de televisão, peças teatrais, jogos eletrônicos e aplicativos, para citar alguns. Como a autora mostrou, houve uma movimentação para que a classificação indicativa fosse utilizada em obras bibliográficas, o que, no entanto, não se consolidou, pois concluiu-se que a prática, além de afetar o trabalho dos editores, comprometeria a livre circulação de livros. (Santos, 2022, pp.18-19)

Como foi visto, há várias opiniões sobre qual o tipo de classificação adequado para uma biblioteca escolar, opiniões inclusive contrárias, como a de Pinheiro (2009) que acredita ser a classificação por cores a melhor escolha para acervos infantojuvenis e de Aguiar (2012) que traz a visão de que a classificação por cores é simples demais e não contribui para o desenvolvimento informacional que se espera de um usuário de biblioteca.

O que se pode notar, também, é a utilização conjunta dos códigos de classificação clássicos, nesses casos a CDD e a CDU, com adaptações para o melhor entendimento das crianças. Em alguns casos, essas adaptações contribuem

de forma positiva tentando superar a questão de que nos códigos acima citados a classificação de literatura infantojuvenil é muito genérica e não permite uma classificação exaustiva dos materiais.

Os trabalhos também chamaram a atenção para o fato de que “são poucos os autores que publicam estudos sobre uma adequação do sistema de classificação bibliográfica para as bibliotecas escolares, sobretudo com o uso de cores.” (ARAUJO e SOUZA, 2012, p. 129) e que essa ainda é uma área que precisa de mais discussão.

Todos os sistemas de classificação aqui discutidos são mais adaptações aos sistemas mais utilizados em bibliotecas nacionais do que de fato novos sistemas que propõem uma nova forma de classificação de literatura infantojuvenil, mas todos consideram as especificidades de um público infantil, embora não reflitam sobre os diferentes estágios das capacidades cognitivas desse público, que é muito aparente a depender da faixa etária.

Propõe-se, então, refletir sobre as capacidades cognitivas e diferentes estágios da infância para poder-se pensar em uma classificação bibliográfica que lhe faça sentido e seja compreensível.

5. A pedagogia Construtivista

A pedagogia construtivista é uma abordagem educacional que se baseia na teoria construtivista do aprendizado, desenvolvida por Jean Piaget, um dos maiores pensadores do século XX, que desenvolveu estudos importantes nas áreas da psicologia e da educação. O objetivo principal da pedagogia construtivista é promover o desenvolvimento integral do aluno, incentivando a construção ativa do conhecimento por meio de experiências significativas.

Na pedagogia de abordagem construtivista, o aluno é o centro do processo de aprendizado, exercendo o papel de protagonista neste processo e aprendendo a partir das trocas realizadas com seus pares e educadores. A figura do professor é a de mediador entre o conhecimento interno e externo do aluno, seu papel é criar situações em que ocorram trocas significativas, ou seja, o processo de interação entre o aluno e o ambiente de aprendizado, para que ocorra a aprendizagem. Diferente do que ocorre na abordagem entendida como tradicional, na abordagem construtivista a aprendizagem não se dá pela transferência de conteúdos e acúmulo de conhecimentos.

Por trocas significativas, entende-se a exploração ativa do ambiente, dos materiais, dos objetos e das situações concretas; interação com os pares e aprendizado colaborativo, onde as trocas de ideias com outros alunos são fundamentais; interação com o professor, no papel de mediador que fornece orientações, propõe desafios e auxilia na reflexão sobre suas experiências; construção de novo conhecimento sobre o conhecimento prévio do aluno, conectado sempre o novo com a bagagem que o aluno carrega consigo, reconhecendo e valorizando experiências anteriores; incentivo à reflexão sobre a própria aprendizagem; e contextualização do conhecimento, dando significado à aprendizagem ao relacioná-la ao contexto em que o aluno está inserido.

Os principais objetivos da abordagem construtivista são: a prioridade do desenvolvimento de habilidades cognitivas, como raciocínio lógico, resolução de problemas e pensamento crítico; aprendizado significativo, já mencionado acima; promoção da autonomia e responsabilidade do aluno, encorajando-o a assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem; reconhecimento e respeito pelo ritmo individual de cada um; valorização da interação entre os alunos, promovendo a

aprendizagem colaborativa; e o desenvolvimento social e emocional, promovendo respeito e empatia.

Em sua Teoria Cognitiva, Piaget propôs que o desenvolvimento cognitivo humano acontece em quatro estágios que vão do momento do nascimento até aproximadamente os quinze anos de idade. Cada estágio possui características que o identifica e marca sua conexão com o anterior e com o sucessor. A teoria piagetiana considera seu caráter universal e que nenhum estágio possa ser suprimido.

Os estágios de desenvolvimento possuem 3 dimensões, como bem aponta Zambianco (2020): cognitiva, afetiva e moral, para este trabalho consideramos as dimensões do desenvolvimento cognitivo.

De forma resumida, os estágios de desenvolvimento são quatro⁷:

Sensório-motor: estágio que vai do momento do nascimento até aproximadamente os dois anos. Neste primeiro estágio está ausente a função simbólica, pois o bebê não apresenta pensamento e afetividade ligada às representações que o permitam evocar pessoas ou objetos na ausência destes. É uma fase rica em saltos de desenvolvimento e marca os alicerces para os pensamentos.

Pré-operatório: estágio que vai, em média, dos dois até os sete anos de idade. É marcado por ser o estágio em que a criança chega ao universo da representação simbólica, que lhe permite associar uma ideia a um objeto concreto. É onde ocorre, também, o surgimento da linguagem. Destaca-se que o pensamento da criança tende ao lúdico, misturando a realidade com a fantasia, levando a uma percepção distorcida da realidade. Este estágio também é marcado pela entrada da criança no mundo moral, há, também, o respeito às regras como algo exterior à própria criança, sendo resultado da obediência à autoridade e considerando-as imutáveis e inalteráveis.

Operatório concreto: estágio alcançado pelas crianças a partir dos sete anos de idade que vai mais ou menos até os onze. É marcado pela condição da criança construir uma coordenação de suas ações, com trocas intelectuais mais produtivas e pensamento reversível, ou seja, a criança é capaz de reconstituir uma ação e relacionar com mais ações compostas por ela mesma. A criança consegue

⁷ Informações retiradas de Zambianco (ano) pp.33-49

estabelecer relações e coordenações de pontos de vista diferentes, além de integrá-los de modo lógico e coerente. Dentre as operações que a criança consegue realizar, destaca-se a classificação e o sequenciamento de números. Ocorre, também, o aprimoramento da linguagem.

Operatório Formal: último estágio de desenvolvimento, começa a partir dos doze anos e vai até aproximadamente os quinze. Neste estágio o adolescente tem condições de formular hipóteses e raciocinar proposições puramente verbais e, já que seu raciocínio é hipotético-dedutivo, não há agora a necessidade do concreto. Seu raciocínio lógico amplia o funcionamento da reversibilidade e a linguagem é ainda mais elaborada.

Quadro 1: Resumo dos estágios do desenvolvimento cognitivo.

Estágios do Desenvolvimento Cognitivo			
Sensório-motor		Pré-operatório	
0 - 2 anos	Ausência da função simbólica. Saltos no desenvolvimento.	2-7 anos	Chegada ao universo da representação simbólica. Pensamento tende ao lúdico.
Operatório concreto		Operatório formal	
7-11 anos	Trocas intelectuais mais produtivas. Capacidade de estabelecer relações.	12-15 anos	Capacidade de formular hipóteses. Raciocínio hipotético-dedutivo . Raciocínio lógico.

Fonte: Elaborado pela autora.

6. A classificação em BE's e os objetivos da abordagem pedagógica construtivista

Como foi exposto anteriormente, a abordagem construtivista pretende desenvolver no aluno o raciocínio lógico, o pensamento crítico, a autonomia e a construção do conhecimento considerando que experiências antigas e novas geram conhecimento. Julgando a biblioteca escolar como lugar de aprendizagem, assim como tantos outros ambientes da escola, e transpondo esses objetivos para a formação do usuário de biblioteca, propõe-se neste tópico pensar na relação que a classificação bibliográfica desempenha na organização do conhecimento e como ela contribui para a formação do sujeito autônomo, capaz de compreender a divisão de assuntos e a lógica organizacional e capaz de realizar a busca pela informação contida no acervo de uma biblioteca de forma consciente.

Para esta etapa, considera-se importante mencionar uma obra que conversa com o tema, o livro *Como Usar a Biblioteca na Escola* de Carol Kuhlthau, traduzido e adaptado por uma comissão de pesquisadores, que inclui, entre outros, Bernadete Campello, autora já citada neste trabalho.⁸ Esta adaptação pretende ser uma ferramenta de auxílio para educadores - e neste trabalho de conclusão de curso, também são considerados educadores os bibliotecários escolares e demais funcionários de bibliotecas escolares - na tarefa de desenvolver nos alunos habilidades de lidar com a informação, levando-se em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Kuhlthau fundamenta-se na teoria piagetiana do construtivismo para desenvolver um programa de atividades sequenciais que consideram o contato dos alunos com a leitura e com o desenvolvimento de habilidades que lhe permitam, ao final do ciclo, poder utilizar as ferramentas informacionais presentes em bibliotecas de forma autônoma. Essas atividades são propostas para crianças no início de sua vida escolar, a partir dos seis anos de idade, e comportam alunos até os anos finais do equivalente ao nosso ensino fundamental, aproximadamente até os quatorze anos de idade.

⁸ *Como Usar a Biblioteca na Escola: um programa de atividades para o ensino fundamental é a adaptação da obra School librarian's grade-by-grade activities program; a complete sequential skills plan for grades K-8.* de Carol C. Kuhlthau. A tradução e adaptação da obra foi feita por Bernadete Santos Campello, Márcia Milton Vianna, Marlene Edite Pereira de Rezende, Paulo da Terra Caldeira, Vera Amália Amarante Macedo e Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu.

Nas atividades propostas durante as sequências há dois objetivos previstos, um que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de localização e outro que se refere a habilidades de interpretação. Será analisado a seguir alguns pontos a respeito do primeiro objetivo.

Na referida obra, é proposta uma sequência de atividades em três fases: Preparando a Criança para Usar a Biblioteca; Aprendendo a usar os recursos Informacionais; e Vivendo na sociedade da Informação. Cada fase abrange uma etapa do desenvolvimento sócio cognitivo proposto por Piaget: pré operatório, operatório concreto e operatório formal (até os catorze anos), respectivamente. Em cada fase são propostas atividades sequenciais que pretendem desenvolver as habilidades de localização e interpretação. Os resultados esperados com a realização dessas atividades são pré-requisitos para a continuidade das etapas.

A primeira etapa propõe o preparo da criança para usar a biblioteca, é nela que ocorre o reconhecimento inicial do espaço e os primeiros contatos com os livros e com a narração de histórias, esse último se daria aos seis ou sete anos, idade em que acontece a alfabetização. Kuhlthau afirma que antes dos seis ou sete anos de idade, ou seja, antes do estágio pré-operatório concreto proposto por Piaget, a criança não tem capacidade de desenvolver tarefas que exijam categorização e classificação, considerando que o ensino detalhado de sistemas de classificação seja até mesmo prejudicial para a sua aprendizagem. (p.13)

Dentre as atividades propostas para esta primeira fase, há a atividade intitulada "*Onde ele mora?*" que pretende explicar às crianças que cada livro tem um lugar único na biblioteca. Para esta atividade é previsto que os livros de literatura infantil estejam separados da coleção geral e que sua forma de organização seja feita de forma específica. Não se prevê, portanto, que as obras destinadas aos anos iniciais de ensino sejam organizadas de forma rigorosa como se pretende que seja o restante do acervo.

Embora não se espere que a criança ainda no estágio pré-operatório e em transição para o estágio operatório concreto compreenda o sistema de classificação da biblioteca por inteiro, na obra de kuhlthau há a indicação de que até essa fase a criança saiba procurar os livros de literatura infantil em seção própria e tenha a ideia de que determinado livro possui lugar próprio nessa seção. Também, há a indicação de que a criança deve entender a finalidade do número de chamada.

A apresentação da classificação utilizada na biblioteca aparece na terceira etapa da fase II, para crianças em torno dos nove anos de idade. As atividades propostas objetivam introduzir a ideia de divisão de classes por assunto, sem a necessidade de decorar a classe exata que tal assunto se encontra, mas de mostrar que determinados assuntos possuem classe própria. Na etapa seguinte, sugere-se aproveitar o ensino de números decimais para discutir a classificação decimal de Dewey, caso seja ela a utilizada pela biblioteca, tendo como objetivo a compreensão de como o sistema funciona com suas subdivisões. A autora utiliza o exemplo de fazer as crianças compreenderem que biografias estão na classe 900 e obras de ficção na classe 800. A terceira fase, que compreende o estágio operatório formal até os catorze anos, propõe atividades de revisão e assimilação no que diz respeito à localização de obras e ao sistema de classificação utilizado.

As atividades de localização inicialmente se concentram em torno de obras de literatura infantil e, com o amadurecimento dos alunos, começam a explorar todo o acervo da biblioteca, incluindo obras de referência como dicionários e enciclopédias. A exploração das obras de literatura dirige-se, então, não mais à literatura infantojuvenil e são estudadas as subclasses da classe 800 da CDD.

O termo literatura infantojuvenil é utilizado para designar obras, muitas vezes de ficção, mas não apenas, escritas ou adaptadas para crianças e adolescentes. Sua origem está nos contos populares que não tinham, inicialmente, como público alvo o público infantil. Com o passar dos séculos e o amadurecimento da noção de infância, algumas obras clássicas e histórias conhecidas começaram a compor o que seria a literatura infantil ou infanto juvenil, sendo adaptadas para esse público. Obras escritas para crianças, ou seja, escritas considerando-se que seu público alvo teria entre 2 e 17 anos, são um fenômeno recente.

Hoje tem-se no mercado editorial obras produzidas para o público juvenil com temáticas ficcionais diversas, obras que poderiam ser enquadradas em diversos gêneros, como poesia, drama, contos, crônicas, biografias, mitologia e obras nas áreas de botânica, zoologia, fisiologia, etc. adaptadas para crianças.

Se de um lado tem-se a grande diversidade de obras escritas para o público infanto juvenil e de outro tem-se a possibilidade de explorar todo o acervo da biblioteca de forma a compreender a sua organização e sua classificação, parece um contrassenso que o próprio acervo infantojuvenil não seja explorado com maior

profundidade e que não haja ferramentas que auxiliem o aluno a descobrir a ampla gama de assuntos que ele absorve.

Kuhlthau estabelece uma trajetória para que desde a entrada no ensino fundamental a criança desenvolva habilidades para o reconhecimento do acervo da biblioteca. Nos anos iniciais desse ciclo não se propõe o entendimento de uma forma de classificação, por considerar que a classificação bibliográfica é complexa demais para o estágio cognitivo que a criança se encontra.

No entanto, a partir dos dois anos de idade, por já estar entrando no estágio pré-operatório, a criança já começa a compreender representações simbólicas e uma classificação adaptada às suas capacidades cognitivas pode ser uma ferramenta muito relevante para a sua autonomia na exploração bibliográfica.

A proposta de classificação por cores parece ser de grande relevância já que, como dito anteriormente, as cores são uma das primeiras linguagens aprendidas pelas crianças. Para esse estágio a classificação por imagens também parece ser uma ferramenta útil, mas deve-se considerar o desenvolvimento do repertório literário. Por exemplo, a criança só conseguirá compreender que a imagem do saci representa obras folclóricas após aprender que o saci é um personagem do folclore brasileiro.

Com o avanço do processo de alfabetização, em torno dos seis ou sete anos, ganha-se novas ferramentas para a representação: a compreensão das letras do alfabeto, números romanos e palavras. Ao mesmo tempo, a formação do leitor está em andamento, se inicialmente a criança irá se guiar por histórias de bruxas, histórias de animais, histórias cumulativas, histórias sem palavras, etc., sua trajetória escolar deve lhe proporcionar, ao passar dos anos, o contato com formas literárias diversas, como a poesia, o conto, e mais adiante, o drama, a crônica, as biografias.

O bibliotecário escolar deve considerar que as buscas realizadas na biblioteca tornam-se mais complexas com o avanço dos ciclos de ensino e avanços dos estágios cognitivos. A adaptação da classificação bibliográfica também deve considerar esse avanço, para não ser demasiadamente simplista e não cumprir com seus objetivos: o agrupamento de itens semelhantes e o auxílio na recuperação da informação.

As noções gerais do código de classificação utilizado pela biblioteca podem ser apresentadas a partir do estágio pré-operatório, como propõe Kuhlthau, mas deve-se utilizá-las na busca de obras que sejam do interesse e de compreensão da

faixa etária, ou seja, as obras de literatura infanto-juvenil devem ser consideradas no estudo da classificação para que as crianças consigam praticar o que está sendo proposto de forma que lhes seja útil na busca por uma obra.

A classificação etária mencionada no trabalho de Santos (2022) não é uma classificação bibliográfica em sua origem, mas é uma classificação indicativa brasileira que tem o propósito de orientar responsáveis sobre a programação audiovisual em diversos tipos de plataforma e a sua adequação à faixa etária. Como comenta a autora, houve um movimento em prol de estender essa classificação indicativa aos livros, cabendo às editoras sinalizarem a faixa etária adequada. Essa iniciativa acabou não sendo aplicada e a classificação indicativa continua sendo utilizada apenas em obras audiovisuais.

Ainda assim, é comum que algumas bibliotecas optem por fazer recortes indicativos de idade no seu acervo, classificando algumas obras dentro da literatura infantil de acordo com os segmentos escolares, mostrando aos seus usuários quais livros têm a leitura permitida enquanto não avançam no ciclo escolar. Esse tipo de classificação, principalmente quando é excludente, pode afastar alunos de leituras que poderiam despertar seu interesse, criam a falsa ideia de que existem livros que não são interessantes a partir do momento em que se avança em um ciclo escolar, tirando do usuário a possibilidade de decisão, e não considera que pessoas diferentes alcançam níveis de capacidade de leitura diferentes em diferentes momentos da vida.

Para finalizar este item, propõe-se uma breve reflexão sobre os pontos de convergência e/ou divergência entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e os modelos de classificação apresentados neste trabalho. Não se pretende estabelecer um modelo de classificação bibliográfica para cada estágio do desenvolvimento cognitivo, mas sim de pensar que algumas características desses modelos podem ou não suprir necessidades características de usuários desses estágios. Adotar um ou outro modelo de classificação deverá ser uma decisão de um profissional devidamente qualificado e que considere os objetivos da escola que abriga a biblioteca e faça sentido com as propostas pedagógicas da instituição.

Quadro 2: Os estágios do desenvolvimento cognitivo e os modelos de classificação.

	Estágio sensório-motor (0 - 2 anos)	Estágio pré-operatório (2 - 7 anos)	Estágio Operatório Concreto (7 - 11 anos)	Estágio Operatório Formal (12 - 15 anos)
Classificação de assuntos por cores	A linguagem e a representação simbólica ainda pouco desenvolvidas neste estágio podem dificultar o estabelecimento de assuntos que possam ser representados pelas cores.	A criança consegue assimilar as cores aos assuntos e/ou gêneros literários de seu conhecimento e interesse e pode se direcionar às estantes com certa autonomia. Não há exploração das classes da CDD ou CDU.	Espera-se que neste estágio a criança já possua um repertório amplo de temas e gêneros literários e, portanto, o uso de cores para representá-los pode acabar sendo insuficiente. A utilização de sub-tonos pode suprir algumas necessidades mais imediatas.	A representação por cores torna-se simplória e pouco conversa com os códigos de classificação encontrados em outras bibliotecas. O raciocínio lógico mais avançado neste estágio permite ao adolescente entender relações mais complexas.
Representação das classes da CDD ou CDU por cores	Por ser uma das primeiras linguagens assimiladas pelas crianças, algumas delas poderão relacionar determinada cor à seção infantil.	A criança sabe, através da legenda de cores, quais seções/prateleiras possuem obras que são direcionadas a ela. Geralmente não são exploradas outras seções que não as de literatura infantojuvenil.	As cores podem sinalizar seções diferentes da biblioteca e ajudar a criança a entender que cada seção representa um assunto.	As cores podem auxiliar na sinalização das estantes de acordo com as classes de assuntos, mas tornam-se apenas representações simples de um sistema de classificação mais complexo.
Classificação por seções	As capacidades cognitivas desta fase ainda não permitem às crianças o entendimento da representação por seções ligadas a temas/assuntos ou autores.	Nesta fase a criança começa a criar repertório para assuntos básicos e pode começar a reconhecer alguns autores mais lidos. Os assuntos ainda precisam ser lúdicos e ligados ao universo da criança, como “histórias de bruxa”, por exemplo. Se a sinalização da	Assuntos como “mistério”, “drama”, “comédia”, “meio-ambiente”, “fauna” e “flora” já fazem parte do repertório das crianças nesta fase, possibilitando a utilização de assuntos mais precisos para as seções. As pesquisas escolares começam a ter	O conhecimento de assuntos e gêneros literários já está mais consolidado nesta fase, assim como a necessidade de buscar fontes de pesquisa para trabalhos escolares é maior. A divisão por seções pode se assemelhar às classes de assuntos dos códigos de

		seção for escrita, as crianças terão menos autonomia para localizá-las.	mais autonomia e há necessidade de começar a busca por fontes de pesquisa.	classificação.
Rótulo de Classificação	A ausência da função simbólica neste estágio dificulta o relacionamento de uma imagem a uma ideia.	As imagens permitem que crianças ainda não alfabetizadas sejam guiadas nas seções da biblioteca, no entanto há necessidade prévia de criação de repertório a depender dos temas escolhidos para serem representados por imagens.	As trocas intelectuais mais refinadas e a capacidade de estabelecer relacionamentos de forma mais autônoma pode gerar desentendimento entre uma imagem e a ideia que ela representa, criando interpretações diferentes.	A representação de assuntos por imagens limita as possibilidades de relacionamentos e de precisão de assuntos. As imagens ganham possibilidades cada vez mais amplas de representação pelo repertório adquirido até então pelos adolescentes.
Códigos de classificação tradicionais	Não compatível com as capacidades cognitivas deste estágio.	Ainda não é compatível com as capacidades cognitivas deste estágio, mas já é possível fazer indicações de que algumas seções/prateleiras guardam histórias, outras falam sobre animais, que há uma seção separada apenas com obras para crianças, etc.	A assimilação do sequenciamento de números e de formas básicas de classificação permitem às crianças compreender que os livros da biblioteca estão divididos de acordo com as classes gerais e, a depender do assunto, em subclasses utilizadas nestes sistemas. A utilização de apenas uma classe para representar obras infantojuvenis pouco ajuda a representar a diversidade de obras para este público.	Neste estágio o adolescente possui um repertório mais elaborado no que diz respeito à linguagem e à capacidade de estabelecer relacionamentos de forma lógica. A exploração destes relacionamentos nos códigos tradicionais já pode ser realizada de forma mais eficaz e ajudar a fazer buscas mais precisas.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Como já foi mencionado anteriormente, as representações que utilizam formas de representação que não sejam alfabéticas e/ou numéricas, são mais funcionais para crianças nos estágios iniciais, mas tornam-se menos representativas

para conforme o usuário avance no estágio operatório concreto e operatório formal. Considerou-se importante separar a classificação por cores em “classificação de assuntos por cores” e “representação das classes da CDD ou CDU por cores”, por se entender que no primeiro modelo a biblioteca possui mais liberdade para definir os assuntos que pretende classificar pelas cores enquanto no segundo, as cores seriam utilizadas para representar as classes dos sistemas tradicionais, funcionando como uma identificação de seções.

Também considera-se que, para atingir as possíveis habilidades que a tabela apresenta a cada estágio cognitivo, haja uma formação constante do usuário, cujo objetivo é o desenvolvimento de capacidades informacionais.

A Classificação por cores é uma estratégia que se adequa a algumas características do estágio pré-operatório, já que, por ser uma representação não alfabética, possibilita representar assuntos sem depender de palavras e expressões, além disso, a criança, neste estágio, já possui a capacidade de relacionar uma ideia (assunto, autor) a uma representação simbólica, no caso, uma cor. Nos estágios seguintes, a representação por cores gradativamente torna-se insuficiente perante a quantidade possível de assuntos de interesse que as cores podem representar. A representação de classes gerais por cores ainda pode ser muito útil para a identificação espacial de prateleiras organizadas por assuntos.

Quadro 3: A classificação por cores e os estágios do desenvolvimento cognitivo.

Sensório-motor		Pré-operatório	
0 - 2 anos	Dificuldade em estabelecer assuntos de interesse que possam ser representados por cores e compreendidos pelas crianças.	2-7 anos	Possibilidade de assimilação de representação de assuntos por cores.
Operatório concreto		Operatório formal	
7-11 anos	Frente ao aumento do repertório de assuntos de interesse, essa representação	12-15 anos	Modelo de classificação simplório frente às formas de organização do

	torna-se insuficiente.		conhecimento.
--	------------------------	--	---------------

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

A Classificação por seções temáticas surge como possibilidade interessante quando se considera os estágios pré-operatório e operatório concreto, pois a criança começa a desenvolver repertório sobre temas da literatura infantil, literatura universal e assuntos gerais nesses estágios. Um acervo organizado a partir de assuntos conhecidos pelo grupo possibilita a autonomia na pesquisa e escolha da criança. No entanto, esse tipo de classificação pode se distanciar dos modelos de classificação utilizados em outras bibliotecas e o usuário acostumado a utilizá-lo terá pouco conhecimento sobre as formas de organização universais.

Quadro 4: A classificação por seções e os estágios do desenvolvimento cognitivo.

Sensório-motor		Pré-operatório	
0 - 2 anos	Ausência da capacidade cognitiva de relacionar seções temáticas a assuntos.	2-7 anos	A capacidade de reconhecimento de assuntos ligados à literatura infantil e autores torna essa classificação interessante para este estágio.
Operatório concreto		Operatório formal	
7-11 anos	A ampliação do repertório dos alunos possibilita a utilização de divisão de seções mais complexa para representação de assuntos de interesse.	12-15 anos	A ampliação do conhecimento de gêneros literários e assuntos específicos possibilita ao aluno a utilização de formas universais de classificação.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

A classificação por rótulos também se mostra uma ferramenta útil para crianças ainda não alfabetizadas, mas é uma opção limitada visto que é necessário criar um repertório que permita determinada imagem representar um assunto e ela

não considera que interpretações diversas podem ser feitas pelos usuários, causando confusão. Para o último estágio do desenvolvimento cognitivo, a classificação por rótulos torna-se limitante e pouco representativa, visto que uma imagem pode abrir diversas possibilidades de representação a depender do repertório do aluno. Por exemplo, a imagem de uma maçã pode representar a seção de culinária, de botânica ou mesmo de contos de fadas. Como exemplo contrário, pode-se imaginar a imagem de uma aranha representando uma seção, que pode ser a classe relativa a artrópodes ou aracnídeos. No primeiro caso, o usuário que estiver procurando informações sobre lagostas poderá não se interessar pela pesquisa na seção representada por uma aranha, por pensar que lagostas e aranhas pertencem a subclasses distintas do filo dos artrópodes. Claro que o bibliotecário responsável deverá refletir criticamente sobre o uso de imagens que melhor representem as seções para o seu público, mas deve-se pensar em confusões como estas ao fazer a escolha de representar uma classe por um rótulo de imagens.

Quadro 5: A classificação por rótulos e os estágios do desenvolvimento cognitivo.

Sensório-motor		Pré-operatório	
0 - 2 anos	Dificuldade de relacionamento de uma imagem a um assunto.	2-7 anos	Capacidade de crianças não alfabetizadas se guiarem por imagens, mas necessidade de criação de um repertório significativo e cuidado com interpretações diversas.
Operatório concreto		Operatório formal	
7-11 anos	Possibilidade de interpretações cada vez mais diversificadas entre uma imagem e o que ela de fato representa.	12-15 anos	Limitação da possibilidade de representação de assuntos por imagens.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

7. Considerações Finais

A proximidade da biblioteca escolar com a prática pedagógica da escola muitas vezes é lembrada em momentos de leitura, como o processo de alfabetização e os estudos literários, no entanto, o papel pedagógico da biblioteca deve ir além. Fomentar a prática de leitura e trabalhar em conjunto com a sala de aula para desenvolver leitores críticos e fluentes deve ser um dos objetivos da biblioteca escolar, mas não se deve deixar de considerar que a biblioteca é uma das principais ferramentas de divulgação de informações culturais e científicas. Os alunos em formação devem ter a biblioteca como referência em seu desenvolvimento informacional e uma das etapas desse desenvolvimento é a capacidade de compreensão da organização do conhecimento e da recuperação da informação.

Em contrapartida, os sistemas de classificação são complexos e incompreensíveis para grande parte da população, muitas vezes em detrimento da falta de hábito da utilização de bibliotecas e pela má formação informacional. Exigir que um estudante do ciclo básico comprehenda totalmente tais sistemas é, no mínimo, incoerente.

Ao longo da formação do estudante ele deve desenvolver habilidades que, ao final da sua trajetória na escola, lhe permitam utilizar de forma útil a biblioteca, mas antes que essa formação esteja concluída, é importante que o aluno consiga acessar a informação presente no acervo bibliográfico da escola onde estuda. Dadas as capacidades cognitivas que se esperam em determinados estágios do desenvolvimento, a biblioteca deve dispor de ferramentas que adequam a recuperação da informação ao seu público alvo.

Pensando nisso, bibliotecários e estudiosos da área propuseram alternativas de classificação bibliográfica aos sistemas de classificação mais utilizados nas bibliotecas escolares brasileiras, a CDD e a CDU. Tais alternativas trazem novas formas de agrupamento de livros no acervo da BE, como a classificação por cores, que pode classificar a literatura infanto-juvenil através de uma cor ou, ainda, classificar temas presentes na literatura infantojuvênil. Talvez a classificação por cores seja a mais lembrada quando se pensa em literatura infantil, mas ainda é pouco estudada, como apontaram alguns autores que serviram de referência para este estudo.

Também foi apresentada a classificação temática aplicada na biblioteca Rubem Braga, que tem por base o Vocabulário Controlado para Indexação de Obras Ficcionais, e que parece suprir a necessidade do usuário que tem nos temas da literatura a sua primeira referência de busca.

Essas classificações, embora pareçam à primeira vista, resolverem a questão de identificação de obras de forma satisfatória para crianças, ainda mais quando são consideradas aquelas que ainda não foram alfabetizadas, podem acabar se tornando muito simplistas e contribuindo para uma formação deficiente no que diz respeito ao uso da biblioteca pelo usuário.

Por isso, considera-se importante trazer uma opinião que contraponha a eficácia do uso dessas formas de classificação, embora não se pretenda defender que apenas o contato com os códigos de classificação tradicionais fará com que o aluno assimile de forma natural o seu funcionamento.

O estudo dos estágios de desenvolvimento cognitivo faz-se necessário quando se considera as diferentes necessidades dos públicos alvo da biblioteca escolar, pois, assim, comprehende-se as características de cada estágio do desenvolvimento e pode-se pensar em alternativas que sejam coerentes às capacidades cognitivas do usuário.

A abordagem pedagógica construtivista tem como objetivos o desenvolvimento de habilidades que desenvolvem a capacidade de raciocínio lógico, pensamento crítico, resolução de problemas, contextualização da aprendizagem, autonomia e capacidade de trocas significativas que gerem aprendizagens. Com o conhecimento desses objetivos pedagógicos, buscou-se relacionar a formação pedagógica do aluno de ciclo básico com a formação do usuário de biblioteca e se as propostas de classificação aplicadas em acervos de BE's auxiliam nesse processo.

Algumas propostas de classificação, como a classificação por cores, parecem adequadas para uma faixa etária que engloba crianças pré - alfabeticas, mas são simplistas para as crianças que passam dessa fase. A classificação temática auxilia na compreensão das obras do acervo, mas ainda não prepara a criança para pesquisar acervos que utilizem formas tradicionais de classificação. E, ao mesmo tempo, esses sistemas tradicionais de classificação são complexos e despertam pouco interesse por parte dos alunos.

Uma saída para esta questão pode ser o uso conjunto de mais de um sistema de classificação, ou mais de um tipo de linguagem documentária, para satisfazer as necessidades de um grupo que possui indivíduos em diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo, como foi proposto por alguns autores.

Não se pretendeu trazer respostas definitivas com este trabalho, mas sim, fazer o reconhecimento dessa área de estudo e buscar conexões com a prática do bibliotecário escolar, considerando-se a biblioteca não apenas como auxiliar no processo de formação escolar, mas também como atuante nesse processo. Por fim, salienta-se a necessidade de que mais trabalhos que discutam a classificação em bibliotecas escolares sejam produzidos a fim de contribuir para uma maior adequação de acervos e compreensão do processo de ensino e formação do usuário.

8. Referências

- AGUIAR, Niliane Cunha de. Organização da Informação em Bibliotecas Escolares: contribuições para a competência informacional infantil. **Bibl.Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 31-44, 2012.
- ARAÚJO, Francisco de Assis Noberto Galdino. Souza, Jacqueline. Classificação Bibliográfica com Auxílio de Cores para Bibliotecas Escolares. **Páginas a&b.** S.2,10, 2012. pp. 119-138.
- ARIAS, José O. Cardentey; YERA, Armando Pérez. O Que é Pedagogia Construtivista? **Rev. Educ. Pública.**, Cuiabá, v. 5, n. 8, jul./dez. 1996
- BARBOSA, Priscila Maria Romero. **O Construtivismo de Jean Piaget**. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/12/o-construtivismo-e-jean-piaget> acesso em 05 dez 2022.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e Prática dos Sistemas de Classificação Bibliográfica**. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação: Rio de Janeiro, 1969.
- BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. O Papel da Biblioteca Escolar: importância do setor no contexto educacional. **RB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008 | in: <http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital>
- CAMPELLO, Bernadete Santos. Bibliotecas Escolares e Biblioteconomia Escolar no Brasil. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1. 2015
- CAMPELLO, Bernadete Santos. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para o seu aperfeiçoamento. In. 5. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação. **Anais**. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/173199> . Acesso em: 08 dez. 2022.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento Informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, UFMG, 2009.
- CAVALCANTE, Francelle Natally da Silva. **Relato de Experiência de Automatização da Biblioteca Escolar: estudo de caso da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendo**. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília, UNB, 2011.
- CRB8. CCJ Aprova Novo Conceito de Biblioteca Escolar e Amplia Prazo para Criação de Acervo. Disponível em:<https://crb8.org.br/oldsite/ccj-aprova-novo-conceito-de-biblioteca-escolar-e-amplia-prazo-para-criacao-de-acervo/> acesso em: 14 nov. 2022.
- GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. **Introdução Geral às Ciências e Técnicas da**

Informação e Documentação. Brasília: IBICT, 1994.

IFLA; UNESCO. **Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar.** 2. ed. 2016 Disponível em:

<https://repository.ifla.org/bitstream/123456789/71/1/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>
f_ acesso em: 14 nov. 2022.

IFLA; UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares.** São Paulo, 2000. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>
acesso em: 14 nov. 2022.

KUHLTHAU, Carol. **Como Usar a Biblioteca na Escola: um programa de atividades para o ensino fundamental.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia.** Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LIRA, Maristela Cabral de. **Biblioteca e Bibliotecário Escolar: as abordagens da competência em informação e da infoeducação.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAMOS, Clériston Ribeiro; DZJIEKANIAK, Gisele Vasconcelos; SANTIAGO, Vanessa Dias; MUNHOZ, Deise Parula. Imagem e Percepção Humana: Alternativa Aplicada na Classificação da Literatura Infantojuvenil de uma Biblioteca Escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.4, p.55-72, out./dez. 2011.

SANTOS, Gilmara dos. **Biblioteca Escolar Entre o Dito e o (Inter)Dito.** Trabalho de Conclusão de Curso, ECA-USP, São Paulo, 2017.

SANTOS, Maura Cristina Silva dos. **Classificação Indicativa de Livros Juvenis em Bibliotecas: critérios, decisões e processos.** Trabalho de Conclusão de Curso, ECA-USP, São Paulo, 2022.

SIQUEIRA, Thiago Giordano de Souza; TRINDADE, Thais Lima; TERRA, Guilhermina de Melo; TORRES, Phamela Lima. Panorama da biblioteca escolar no Brasil: legislações e ações. **Revista ACB**, Florianópolis, v.26, n.1, p. 1-19, jan./abr. , 2021.

ZAMBIANCO, Danila di Pietro. **As competências socioemocionais: pesquisa bibliográfica e análise de programas escolares sob a perspectiva da psicologia moral.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, 2020.

9. Apêndices

Revisão bibliográfica

	TÍTULO	AUTORIA	BASE DE DADOS	TIPO DE CLASSIFICAÇÃO
1.	CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LIVROS JUVENIS EM BIBLIOTECAS	SANTOS, MAURA CRISTINA DOS	DEDALUS	CLASSIFICAÇÃO POR CORES, CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA
2.	ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPETÊNCIA INFORMATACIONAL INFANTIL	AGUIAR, NILIANE CUNHA DE	DEDALUS	CLASSIFICAÇÃO POR CORES, CDD, CDU
3.	IMAGEM E PERCEPÇÃO HUMANA: ALTERNATIVA APLICADA NA CLASSIFICAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE UMA BIBLIOTECA ESCOLA	RAMOS, ET. AL	BRAPCI	CLASSIFICAÇÃO COM IMAGENS “RÓTULO DE CLASSIFICAÇÃO” + CDU
4.	CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA COM O AUXÍLIO DE CORES PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES	ARAÚJO, FRANCISCO DE ASSIS NORBERTO DE; SOUZA, JACQUELINE	BRAPCI	CLASSIFICAÇÃO POR CORES

5.	ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DO SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO POR CORES NA BIBLIOTECA ESCOLAR	CORDEIRO, LARISSA SILVA; FURTADO, CASSIA CORDEIRO	BRAPCI E IBICT	CLASSIFICAÇÃO POR CORES
6.	CLASSIFICAÇÃO INFANTOJUVENIL: AS SEÇÕES DA BIBLIOTECA RUBEM BRAGA	ARAÚJO, BEATRIZ CRISTIANE DE; MENDES, CÍNTIA	BRAPCI E IBICT	CLASSIFICAÇÃO POR ASSUNTO
7.	CLASSIFICAÇÃO EM CORES: UMA METODOLOGIA INOVADORA NA ORGANIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS-MT	PINHEIRO, MARIA INÊS DA SILVA	BRAPCI E IBICT	CLASSIFICAÇÃO POR CORES